

Da diferença sexual à diferença feminina¹

Romildo do Rêgo Barros

Gostaria de tentar desdobrar nosso assunto tomando como eixo a palavra "diferença". Para isso, proponho um caminho que, aliás, é o título que dei à minha fala: "Da diferença sexual à diferença feminina". Desde já uma pergunta se impõe: será que se trata mesmo de um caminho, de uma separação, uma separação radical, um impasse entre a diferença sexual e a diferença feminina?

A diferença é uma determinação. Se digo que $A \neq B$, estou determinando que existe algo em A que não existe em B, ou vice-versa. Nesse sentido, a diferença parte necessariamente de uma comparação: comparam-se dois opostos e se determina onde estaria o ponto em que os dois se separam ou que não permite que os dois possam se sobrepor. Uma parte dos atributos de um dado conjunto, A, não pertence ao outro, B, ou vice-versa. Seria uma maneira muito simples de definir ou de aproximar o que seria uma diferença.

É claro que sobre a questão da diferença sexual, pensamos no que Freud chamou de "diferenças anatômicas", de onde extraiu as consequências psíquicas. Essa seria, me parece, a primeira proposta que eu traria para pensarmos, e que está na base da ideia de que o homem representa uma dimensão positiva, enquanto a mulher é uma dimensão negativa.

Penso que não é impossível atrelarmos essa diferença imediatamente à percepção do corpo que Freud chamava *diferenças anatômicas*. É uma aproximação um tanto grosseira, mas também é intuitiva. Pode ser autorizada como uma primeira aproximação. Há uma expressão usada por

Jacques-Alain Miller em seu texto *Mulheres e semblantes* (1993), onde ele afirma que o *Penisneid* representa a "subjetivação do não ter"².

Há uma extensa bibliografia sobre isso. Podemos buscar essa ideia muito remotamente em Aristóteles: a ideia que ele fazia da mulher não era muito elogiosa, mas enfim ele está na base do pensamento ocidental. Em *Geração dos Animais*, Aristóteles trata exatamente do que o título indica, ou seja, como os animais se reproduzem: "[...] é macho o ser capaz de engendrar em um outro, fêmea aquele que engendra em si e do qual nasce o ser engendrado que existia no gerador"³. É macho o ser capaz de engendrar em um outro, em outro corpo, diferente daquele que engendra. É fêmea aquele ser que engendra em si e do qual nasce o ser engendrado que existia no gerador. A mulher engendra no próprio corpo aquele ser que foi gerado fora dela. Isso se relaciona ao que se sabia na época sobre a reprodução. Não se conhecia o óvulo. Há uma série de detalhes que torna essa frase pesada. Essa ideia terá influência no Ocidente, no terreno da Cristandade, já que Aristóteles é inspiração para São Tomás de Aquino que foi quem seguiu, mais ou menos sobre a mulher e o homem, a inferioridade natural da mulher.

Poderíamos encontrar inúmeras citações que vão nessa mesma direção: a mulher é um continente, um vazio, um oco, enquanto o homem é um conteúdo e, conseqüentemente, algo cheio. No plano do imaginário corporal, da percepção do corpo, o sexo da mulher é faltante em relação ao masculino, está em negativo, o que Lacan resumiu certa vez comparando o sexo da mulher a um invólucro. Na tradição freudiana, o positivo feminino, representado pelo clitóris, é masculino.

Isso torna complicadíssima a decisão de definir a mulher em psicanálise a partir de um paradigma positivo. Foi nesse plano que Freud começou a discutir a diferença

sexual. Como disse, isso é bem anterior a Freud: Santo Tomás de Aquino, no século XIII, já se ocupava dessas questões da diferença entre homem e mulher, a ponto de considerar que a mulher era uma espécie de homem imperfeito, um homem falho, faltoso. Se ela avançasse um pouco, viraria homem; ela seria alguém formado antes do tempo. Nesse sentido, existiria um a menos na mulher que não está apenas plugado no negativo corporal, nas entrâncias do corpo, mas também no fato de que ela seria em relação ao homem mal formada. É o que, aliás, podemos encontrar no livro do Gênesis: o homem teria sido criado por Deus; já a mulher foi criada a partir do homem. Trata-se da estória na qual Eva é criada a partir da costela de Adão.

A própria palavra "vagina", que em latim significa *bainha*, já indica isso, sobretudo no Brasil onde o homem, como se diz, é "espada". Espada correlativa a uma bainha, no plano da diferença sexual. Disso decorrem outras polaridades, tais como: a mulher passiva e o homem ativo, a mulher na família e o homem na sociedade ou no Estado, etc. A esse respeito, eu aconselharia a leitura do interessante comentário de Hegel na *Fenomenologia do Espírito*, não só sobre Antígona, mas também a respeito da concepção que é possível ter sobre as diferentes funções da mulher, na família, etc. Algumas mulheres romperam com essa lógica, a exemplo de certos personagens das tragédias, como Medeia e Antígona.

Aristóteles disse: "Uma mulher é como se fosse um homem infértil; a fêmea, de fato, é fêmea devido a uma espécie de inabilidade. Falta-lhe o poder da preparação do sêmen num estado final de nutrição [...] por causa da frieza da sua natureza. (729a) O macho provê a 'forma' e o 'princípio do movimento', a fêmea provê o corpo, em outras palavras, o material"⁴.

Lacan, por seu lado, afirma em *Mais, ainda*: "O estranho é que nessa grosseira polaridade, essa que da matéria faz o passivo e da forma, o agente que a anima, alguma coisa, mas alguma coisa de ambíguo, de qualquer modo, passou, isto é, essa animação, no sentido da etimologia da palavra, não é outra coisa senão esse a cujo agente anima o quê? - ele não anima nada, ele toma o outro por sua alma"⁵.

Outra coisa bem diversa é dizer A é diferente, no absoluto, sem comparação, sem o seu oposto B, ou seja, num plano que não passa pelo especular. A essa diferença absoluta - à qual Lacan se refere no *Seminário 11* com relação ao final de análise; diz que a análise visaria atingir uma diferença absoluta - talvez possamos chamá-la simplesmente de *alteridade*. Alteridade é uma diferença que não tem necessariamente um oposto.

Lembrei de uma distinção feita por Hegel entre fronteira e limite. A fronteira é a linha que divide o Brasil da Argentina; só existe fronteira quando você pode nomear o outro lado. O limite é a orla, aquilo além do qual não se precisa dizer o que há. Por exemplo: este é o limite das minhas terras; daqui para frente não preciso definir, talvez eu nem saiba. Existe alguma coisa nessa noção de limite que não é muito distante desta que estou tentando mostrar como alteridade.

Esse caráter de absoluto é coerente com a conhecida afirmação de Lacan, segundo a qual é "heterossexual quem ama as mulheres, qualquer que seja o seu sexo próprio"⁶: um homem que ama as mulheres é heterossexual, uma mulher que ama as mulheres é heterossexual. A primeira, a que ama, é diferente da segunda, das que são amadas.

Lacan situa, portanto, esse elemento, "as mulheres", fora da polaridade homem-mulher. A mulher que ama é diferente das que são amadas. Uma outra afirmação de Lacan vai na mesma direção. Trata-se, aliás, do título da

conferência de nossa colega Maria Josefina Sota Fuentes no próximo mês: "A mulher é um Outro para si mesma"⁷. Existe uma alteridade na mulher que, contrariamente à lógica da comparação, não é representada pelo homem, e sequer pode ser facilmente compreendida pela própria mulher, se ela tenta compreendê-la a partir da relação homem-mulher ou da relação de dois polos. A análise de uma mulher pode ter por objetivo fazer com que ela se aproxime um pouco desse ponto de dissimetria que, na prática, é de desencontro, de solidão. Podemos ouvir isso, com certa frequência, nos testemunhos de passe de mulheres. Esse momento em que, de repente, alguma coisa nessa lógica costumeira da comparação se rompe como momento analítico, e marcará uma diferença entre antes e depois.

Na mesma página, Lacan diz que "na dialética falocêntrica", que tem como centro o falo, ela representa o "Outro absoluto". Ou seja, na dialética que significa de alguma forma um encontro de opostos, e cujos elementos são por definição relativos, a mulher representa o Outro que, em certo sentido, está fora da relação, fora da dialética. É interessante essa aproximação que Lacan faz entre dialética e absoluto; ela exige que comecemos a destrinchar os termos para perceber que a frase tem um movimento próprio. Podemos pensar na duplicação da mulher: existe a mulher da dialética, do encontro falocêntrico, e a mulher como Outro absoluto, que escapa à própria mulher do encontro falocêntrico. A mulher "é a que não tem", segundo Miller⁸. Em um outro texto publicado no mesmo ano, Miller define a "verdadeira mulher" - que, como sabem, foi a qualificação dada por Lacan a Madeleine Gide, que rasgou as cartas do marido como vingança por sua traição, objeto precioso para Gide, ato que Lacan compara ao gesto de Medeia: "A verdadeira mulher - diz Miller - não é a mãe"⁹. A mãe, completa Miller em seguida, é a que tem. Ou seja, a mãe é a que tem um objeto que não é o falo, mas que o

representa metonimicamente; trata-se do que Freud chamava equação simbólica. Ou seja, a mãe dissimula a verdadeira mulher. Resta saber se a psicanálise acede à verdadeira mulher, aquela que não tem ou simplesmente que pode dialetizar as várias posições da mulher como mãe, como futura mãe, etc., mas em torno da ideia de ser mãe, de possuir um representante fálico que dê conta da dialética do ter, ou não ter, o falo.

Vocês já devem ter entendido qual o meu principal objetivo na palestra de hoje: tentar apontar, se se conseguir demonstrar, a passagem de uma diferença entre homem e mulher - cuja base pode ser tanto anatomia como a cultura, tanto o sexo quanto o gênero - a uma diferença que permita situar a mulher como diferente no absoluto, o que implica que ela é diferente de si mesma; portanto em um plano que excede a comparação, a começar pela comparação com ela própria. Esta seria a *diferença feminina*, que não é exatamente a figura ideal à qual deveriam tender ou deveriam tentar se aproximar as mulheres concretas, através da luta política ou das práticas sociais, ou porque não de uma análise, mas, pelo contrário, essa diferença reside em um resíduo do encontro com o sexo. Não se trata de uma passagem para cima, mas para baixo. Não se trata de uma elevação, de uma sublimação da diferença sexual, mas sim da assunção de um resíduo.

A pergunta sobre uma outra dimensão da sexualidade feminina - difícil de fazer, pois está fora da comparação e da diferença relativa entre os sexos - deve se fundar, necessariamente, em alguma coisa além da diferença anatômica. Não somente da diferença anatômica tal qual se vê no corpo, mas diferença anatômica no sentido de tudo aquilo que a diferença anatômica inspirou ao longo da história do pensamento, das práticas clínicas, etc. Por exemplo, podemos pensar ou traçar, se isso tiver algum

interesse, a história da histeria como tentativa de responder a isso. O que uma mulher pode fazer se não basta a simples percepção da diferença anatômica, do menos, do ter ou do não ter, positivo ou negativo, para uma diferença que se aproxime um pouco de uma resposta à pergunta de Freud: o que uma mulher quer? Essa pergunta deve se situar em uma dimensão suplementar, como ensina Lacan no *Seminário 20*: "Vocês notarão que eu disse *suplementar*. Se tivesse dito *complementar*, onde é que estaríamos! Recairíamos no todo"¹⁰.

O suplemente excede o todo se pensarmos que o todo significa macho + fêmea. É neste ponto preciso que se situa a questão que nos interessa de perto: a relação da mulher com a loucura, ou entre a mulher e Deus.

Trata-se de um novo paradigma para uma discussão sobre o gozo feminino: contrariamente à lógica corporal, existe uma positividade na loucura, assim como há uma positividade em Deus, que, desde Aristóteles, é puro ato.

É claro que não é suficiente dizer que há uma relação particular entre a mulher e a loucura. Essa questão pode ser igualmente respondida em uma perspectiva comparativa ou complementar. No começo dos anos setenta, por exemplo, em 1972, Phyllis Chesler, escritora americana, publicou um livro intitulado *As mulheres e a Loucura* que fez grande sucesso. Nele, a autora procurava demonstrar, não como a mulher tinha relação com algo que ia além da justiça fálica e da castração, ou seja, com a distribuição do ter, mas como, devido aos seus papéis sociais e culturais, as mulheres são mais facilmente consideradas doentes mentais do que os homens e, conseqüentemente, eram majoritárias nos centros de tratamento psiquiátrico. Nesse plano dos papéis sociais e culturais, a situação da mulher não oferece muitas saídas, como observa a autora de uma resenha do livro de Phyllis Chesler: se a mulher cumpre

estritamente esses papéis é masoquista e submissa, se não os cumpre, é louca.

Comentário para lançar o debate

Heloisa Caldas: Agradeço a Romildo e à direção da Seção Rio a oportunidade de estar aqui para debater esse tema apresentado de forma tão clara, concisa e rica. Vemos o estilo de Romildo em sua transmissão. Há alguma coisa de feminino na sua fala e transmissão, a despeito de sua voz tão máscula e de todas as características masculinas que ele porta tão bem. Mas em seu estilo vemos que, apesar dele dizer muita coisa, não diz tudo, entrediz, desliza. É isso que chamo de feminino e que provavelmente tem relação com sua prática de analista. E hoje seu estilo é consoante ao tema proposto: o feminino que ele trabalha muito bem a partir de referências filosóficas e psicanalíticas de Freud e Lacan.

Vou tentar discutir apenas alguns pontos dos muitos que sua fala suscita, pois ela é muito densa, abrindo-se a inúmeras considerações. A primeira coisa que gostaria de destacar é como Romildo trabalha deslocando a diferença sexual para a diferença feminina. Ele retoma o percurso de Lacan que mudou a lógica antiquíssima da atribuição, que permite estabelecer classes, mostrando bem como ela se coloca no plano dual, e redundante, na cultura, em homem-mulher. Seria interessante ressaltar que essa lógica não serve apenas à classificação sexual. Serve também para criar várias outras classes de identificação e, conseqüentemente, de segregação, sempre em torno de uns 'mais' e outros 'menos' que constituem assim uma minoria, termo não necessariamente derivado da estatística numérica, mas da marca do atributo 'a menos'. As mulheres, durante séculos, caíram nessa classe dos que têm menos, como tantos outros: os índios, os judeus, os negros, os

pobres, etc. É uma lógica que até hoje vigora em muitas classificações, embora, cada vez mais, se possa verificar sua precariedade devido à exclusão que promove. Precariedade não só para o campo da psicanálise, mas também para o campo da política, assim como para o debate atual sobre políticas de inclusão.

Era essa, porém, a lógica que Freud dispunha em seu tempo. Mesmo Lacan só pôde se separar dela bem posteriormente. E é preciso ressaltar que Freud fez uma revolução enorme quando a desloca da anatomia, pela transformação do pênis em falo, e passa da atribuição anatômica à fálica, que permite a equação falo = filho, na qual o filho é o falo da mãe. Com isso, Freud deu um salto enorme com relação às consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos.

Em um primeiro momento, Lacan também adotou essa lógica desdobrando a questão de ter o falo em ter ou ser o falo. Romildo toca nesse ponto quando aponta à forma heterossexual de uma mulher amar outra mulher. Embora ele tenha querido enfatizar que é da posição de sujeito, de Um, que ela ama, isso também abre para que se pense na forma fetichista de amar, tomar o outro como objeto, diferindo da erotomania feminina, da exigência de ser amada para poder ser, que embasa o trabalho de Lacan sobre a mascarada - ser o falo como uma máscara do nada.

Essa passagem lacaniana relacionada ao falo foi importante para seu avanço teórico posterior, que Romildo privilegiou aqui, quando enfatizou a passagem dessa diferença sexual, como ele a chama, para outra que se dá no absoluto, sem comparação. Ou seja, corresponde ao abandono da lógica de atribuição, que produz as classes e na qual aquele que não tem contradiz aquele que tem - é um tipo de contradição -, para trabalhar a lógica modal, na qual a exceção deixa de ser contradição para se constituir como fundamento. Não se trata de um raciocínio simples.

Tenho dificuldades em entender isso, pois exige muita matemática. Talvez possamos debater e esclarecer mais essas formulações de Lacan que estão no *Seminário 19: ou pior*. Ele aponta que não se trata da diferença entre o Um e o dois, mas da diferença entre o Um e o zero, como anterioridade lógica. No zero não há traço algum. O Um, ao contrário, é o primeiro traço. Um traço que parte não de uma comparação, mas da inexistência de traço. Assim Lacan vai colocar que "há Um" como efeito de uma falta. Essa diferença é então radical porque advém do zero.

E aí proponho uma pergunta: o zero - consoante ao axioma "A Mulher não existe", à inexistência que Lacan situa do lado do feminino -, funciona para ele como o que Freud denominou de continente negro? Recentemente Angela Bernardes apresentou um trabalho que menciona esta expressão, *continente negro*, esclarecendo que ela não evoca apenas o desconhecido do negro da noite, o que não se vê nem se sabe, mas é uma alusão de época à África, que ocupava em relação à Europa um lugar de diferença.¹¹

Romildo de Rêgo Barros: Como ainda é até hoje!

Heloisa Caldas: Sim, talvez hoje um pouco menos. Acho interessante essa correlação que permitira juntar Freud com Lacan em torno da questão do saber. Não se sabia nada sobre a África. Essa articulação traz, a meu ver, outra questão ao debate: a questão do gozo. O zero faz pensar em um lugar vazio. Mas vazio de que? De traço, de um S1, como o que Lacan chama no *Seminário 11* de diferença absoluta? Em sua fala final, porém, Romildo aponta para uma positividade e a situa na loucura, em Deus. Trata-se da positividade do gozo?

A pergunta se justifica porque nessa passagem de uma lógica para outra, Lacan privilegia a modalidade de gozo que difere muito do significante, uma vez que, no plano da

linguagem, o significante advém da marcação presença-ausência. Nesse sentido, produz sujeitos, e pergunto se todos os sujeitos estão do lado masculino. Já a modalidade de gozo vai se repartir entre um gozo masculino e outro suplementar a ele, Outro gozo. O gozo nunca está ausente? Essa já é outra questão.

Retomando a questão anterior: todo sujeito está na posição masculina? Isso nos levaria a pensar que estes termos *homem* e *mulher*, ainda em uso na cultura e que provavelmente durarão mais algum tempo, tendem, no entanto, a se tornar nomeações obsoletas?

Trago isso em função de que se ouve nuances que estão relacionadas à questão do Outro gozo como se fosse garantido, bastando ser nomeada mulher, o acesso a ele. Só uma mulher pode ter acesso a esse gozo suplementar e um pouco louco? Por que não os homens? Lacan dá o exemplo dos místicos como São João da Cruz.

Romildo do Rêgo Barros: Podemos pensar também no homem que fez análise, como exemplo de mulher.

Heloisa Caldas: Exatamente. Quando você disse: "A análise de uma mulher pode ter como objetivo fazer com que ela se aproxime um pouco deste ponto de dissimetria que na prática é de desencontro e de solidão", me ocorreu: e a de um homem? Uma análise não vai em direção a um S1, coração de um sintoma, resposta do sujeito e defesa ao real? Não visa à defesa como resposta ao feminino?

Romildo do Rêgo Barros: Resta saber se um homem consegue essa façanha.

Heloisa Caldas: Um terceiro aspecto que gostaria de ressaltar em sua fala é a relação entre o *nãotodo* e a loucura. A palavra loucura é uma palavra muito abrangente

que não faz parte de nenhuma classificação diagnóstica. Às vezes se confunde loucura com psicose. Penso que não podemos pensar a psicose com as fórmulas da sexuação, na medida em que o acesso ao Outro lado só se dá através do falo. Nelas não há uma abertura direta ao Outro gozo. Como ir além do fálico sem sua referência? Em Medeia e Madeleine, talvez em Antígona, ir além rompe com a ordem fálica. Elas não cometeram sua loucura em qualquer lugar. O mesmo ocorre quando uma mulher rasga dinheiro: ela não rasga qualquer coisa, mas um dos grandes emblemas da lógica fálica. Então ela tem uma relação com isso. Na psicose é diferente.

Penso em dois pacientes homens que comecei a escutar recentemente. Um deles disse: "rasguei as fotos mais lindas da nossa família". Talvez tenha algo do feminino aí. Ele não surtou no sentido clássico do termo. Este trecho da frase: "mais lindas da nossa família", é um indício da ordem fálica e do que a ultrapassa. O outro paciente me disse: "tive uma sensação esquisita e me senti miserável", e responde ao por quê: "Não sei". Entre alguma coisa que lhe aconteceu e o desencadeamento do delírio, temos um buraco. Como isso se deu há algum tempo antes dele chegar ao tratamento, fica ainda mais difícil recuperar o elo que se perdeu. Algo parece ter se desencadeado, mas não temos a possibilidade de saber o que produziu aquela forma dele lidar com o gozo. Por isso pergunto qual é a operatividade, digamos assim, das fórmulas da sexuação para discernir entre a formulação "louca, mas não toda" e alguma coisa que indica um fracasso mais radical da ordem fálica.

Debate

Sandra Viola: Por que se coloca que o homem tem tanta dificuldade para aceder a esse gozo da mulher, mesmo

fazendo análise? Com isso sempre ficamos com o exemplo de São João da Cruz. Por que não temos outro exemplo?

Romildo do Rêgo Barros: Temos dezenas de exemplos.

Sandra Viola: Sim, mas só usamos o mesmo! A segunda pergunta, acompanhando o que Heloisa colocou, é se você considera que Antígona, Medeia e Madeleine estão numa posição sexual *nãotoda* ou se se situam do lado direito das fórmulas da sexuação. Pergunto se não estão puramente na pulsão, no movimento da pulsão, sem posição sexual. Não sei bem se é possível falar isso.

Cristina Bezerril: Eu não sei se é exatamente uma questão. Foram duas coisas que me vieram à cabeça enquanto escutava Romildo e Heloisa. O caminho foi um pouco da diferença sexual à diferença feminina. Parece-me que há um outro caminho: da diferença feminina à diferença sexual. Não sei muito bem como seria isso. Acho que tem a ver com essa história toda: se o homem pode ou não pode, se há uma necessária passagem pelo *nãotodo* feminino. Porque quando você falou do Outro como diferença absoluta e Heloisa trouxe a questão do Um, eu me lembrei de uma passagem de Lacan no *Seminário 20*, em que ele faz uma articulação entre o Um e o Outro, e isso para mim é difícil. O Um faz existir o zero, esse vazio, mas o Um não se confunde com o Outro. Quanto ao Outro, ele vai dizer claramente que, com relação a esse Um, e na cadeia esses vários Uns deixam traço, o Outro se extrai desse Um. Então esse Outro é o Outro que não existe, esse Outro como diferença, essa diferença absoluta que só podemos pensar no sentido do Outro que não existe?

Romildo do Rêgo Barros: Eu queria agradecer a confiança de fazerem perguntas tão difíceis. Posso comentar um pouco algumas delas.

Começarei pela última, a de Cristina. Esta é uma afirmação difícil de fazer. É evidente que há a diferença sexual, o que chamei de diferença feminina é que necessariamente existe um retorno da vida sexual já que a vida sexual continua e, querendo ou não, estabelece uma polaridade, seja qual for. A grande questão é saber se esse Outro da diferença absoluta, que é a sua pergunta, é o Outro que não existe. Há uma armadilha nessa pergunta que é a de esquecer que o Outro que não existe pode dar margem ao Um da masturbação. Você pode pensar na sexualidade da passagem pelo Outro que não existe na direção de Um que, representado pelo gozo do idiota - como Lacan chamava - seria o efeito do Outro que não existe, no sentido que Laurent e Miller deram no curso de Orientação Lacaniana de 1996-1997, "O Outro que não existe e seus comitês de ética"¹². Quer dizer, o Outro é apontado por eles antes de tudo como efeito de civilização.

A psicanálise não disputa poder, ela recolhe sintomas. Então, vamos recolher sintomas dos efeitos da inexistência do Outro, mas não no sentido, digamos assim, glorioso de um Outro que não existe pelo efeito de uma travessia subjetiva.

Parece-me que é possível e útil fazer essa diferença para não cairmos no Um dos chamados sintomas contemporâneos, digamos, da falta de referência à alteridade. Talvez seja até o contrário.

Há uma pergunta clínica muito rica subjacente, que é de saber que sexo é possível viver quando nos aproximamos dessa alteridade absoluta. Essa pergunta é, sobretudo, masculina, pergunta de homem. Como viver o sexo ao se aproximar, com ou sem análise, de uma experiência do Outro sexo como alteridade. Não como alteridade, como Lacan fala

da mulher heterossexual para os dois sexos, mas alteridade no sentido de que se nega qualquer encontro, alteridade absoluta. Nos contos de Hoffmann há esse tipo de alteridade, quando se encontra na Noite de São Silvestre a imagem do demônio numa mulher.

Antígona, Medeia e Madeleine. Não esqueça que Medeia, na última cena, retoma sua potência fálica: ela parte no carro do sol, de seu avô Hélio, carregado por serpentes. Ela tem de volta sua potência fálica. Eurípedes dá, meio como um Deus ex-máquina, ao esvaziamento de Medeia uma solução literalmente caída do céu. Talvez Antígona esteja mais perto de uma individualidade pura, pela falta ou ruptura de relação, com exceção da relação à qual ela se consagra para enterrar o irmão.

Se um homem chega ao gozo feminino, é uma questão. Lacan diz que em relação ao falo, a posição do homem é ridícula porque ele tem no corpo um componente que o faz pensar no falo. Não é, mas parece. Os homens têm uma negação da existência da atribuição do falo meio vagabunda. Eles pensam que o componente, o representante anatômico do falo resolve essa questão. Acho que isso é um obstáculo para os homens. Lacan chama certas mulheres de analistas natas. Tem a ver com isso: é uma operação que não é muito fácil para os homens, a menos que eles se feminizem.

Vejam só, Heloisa lembrava o que Freud disse sobre a feminilidade: o continente negro. Apesar de Freud não ter teorizado um além do falo, ele fez como João e Maria: deixou pedrinhas brancas. Por exemplo, no texto de 1937, "Análise terminável e interminável"¹³, ele fala da impossibilidade de um homem se feminizar, na hipótese de que é necessário que os dois sexos se feminizem. Existe uma pista que Freud deixa, exatamente aquela que Lacan vai pegar para deixar de lado a comparação, a lógica pela simples atribuição mais falo/menos falo. Quando falei da

loucura e de Deus, que Lacan trata no *Seminário 20*, me referia a uma maneira que Lacan encontrou para falar de outro lugar. Ele não diz "Freud estava errado", e eu digo isto. Ele traz outra argumentação, e a partir daí consegue dar uma volta, em "Análise com fim e sem fim"¹⁴, no famoso rochedo da castração. Heloisa lembrou, apesar de eu não ter citado, o famoso texto "A organização genital infantil"¹⁵, onde isso talvez não seja cem por cento claro, mas Freud faz ali a separação pênis-falo. A partir daí, é possível ou se torna mais fácil a discussão clínica em psicanálise, porque o falo passa a ser como o dólar: o falo passa a ser a unidade universal das trocas. Então a lógica do imaginário fica clinicamente mais clara. O resto eu não sei responder.

Ana Lúcia Lutterbach: Primeiro quero agradecer ao Romildo essa forma que escolheu para abordar o tema, e esse aspecto que Heloisa ressaltou na fala dele; estamos sempre às voltas com a diferença e chegamos a um ponto em que nos enrolamos, e o final de nossos debates sempre gira em torno disso, afinal de contas. Quando você traz essa questão da lógica imaginária, na qual você insiste, fica mais fácil separar a questão do gozo dessa questão imaginária. Achei isso muito interessante. Não conheço essa que referência que você mencionou. Foi Santo Agostinho que falou que as mulheres são mal formadas?

Romildo do Rêgo Barros: Foi São Tomás de Aquino. Santo Agostinho diz mais ou menos a mesma coisa, todos os padres da Igreja dizem a mesma coisa, São Bernardo, etc.

Ana Lúcia Lutterbach: A ideia é boa. Porque a mulher precisa de formação permanente. Ela está mal formada. Como nunca se forma, então ela tem que ficar se formando permanentemente. Isso também ajuda a pensar que podemos

dizer que há homens mal formados, que também têm essa exigência. Os poetas, por exemplo, têm que ficar se formando.

Quero agradecer também a Heloisa porque acho que temos muita dificuldade em debates. Temos facilidade de escutar uma conferência, mas na hora de debater nem tanto. Acho que ela fez uma interlocução que nos ajudou muito a acompanhar o que o Romildo estava propondo.

Sobre Antígona, acho que eu não a colocaria na mesma série de Medeia e Madeleine, porque a questão que Lacan vai colocar sobre a verdadeira mulher não é a questão que Antígona nos traz. Sua questão está mais desse lado do absoluto que Antígona aponta, ao passo que a verdadeira mulher se centraliza no objeto precioso que ela destrói, respectivamente os filhos para Jasão e as cartas para Gide. Lacan traz Antígona para falar da ética do desejo, o exemplo daquela que não cede de um desejo puro, desejo de objeto, que justamente não é para o Outro.

Romildo do Rêgo Barros: Essa é a chave, esse lugar do que é um desejo puro, que não é de jeito nenhum o caso de Medeia, menos ainda o de Madeleine. Desejo puro no sentido da base, desejo puro como desejo de nada, pulsão de morte.

Rodrigo Lyra: Romildo, essa ideia da diferença absoluta que você trouxe me remeteu a uma das leituras de Lacan sobre a histeria no *Seminário 16*. A histeria estaria numa relação com o gozo absoluto, em uma absolutização do gozo não muito afeita às negociações fálicas como o obsessivo faz com suas dívidas, etc. Ao mesmo tempo, parece-me que a diferença que você traz como absoluta não é a mesma coisa que gozo absoluto, embora essas coisas possam ser recobertas às vezes e até serem confundidas. Então a pergunta que eu faria a você, pegando o subtítulo de nossas Jornadas, *Excessos e sutilezas*, é se quando a

diferença absoluta aparece já não se saiu do campo do gozo absoluto. Em que uma análise pode contribuir para essa passagem, se é que você concorda que há nisso uma passagem.

Luiza: Eu queria pensar um pouco na questão da loucura. Você apontou que há mais mulheres no manicômio. Mas, na realidade, o que vemos são muitos homens no manicômio. Então gostaria de pensar um pouco nisso. O que aparece da loucura no feminino, mas que, ao mesmo tempo, não é tão radical.

Heloisa Caldas: Acho que o Rodrigo Lyra trouxe uma precisão. De fato cabe pensar a diferença absoluta a partir do significante Um. No *Seminário 20*, Lacan diz que o Um detém o gozo. Isso é diferente de um gozo absoluto. Pensar o gozo feminino como *nãotodo* evoca algo desse absoluto do gozo, na medida em que o *nãotodo* tende ao ilimitado.

Romildo do Rêgo Barros: É isso, ilimitado não é a mesma coisa que absoluto.

Heloisa Caldas: O absoluto seria um gozo que sequer passou pelo falo. Talvez seja mítico, mesmo.

Romildo do R. Barros: Talvez seja uma ilusão.

Heloisa Caldas: Mas a diferença absoluta é outra coisa. É a redução de tudo ao S_1 . Concordo plenamente com Romildo que o feminino é um ponto de obstáculo na análise dos homens. Podemos ver o quanto a posição fálica faz obstáculo aos modos de vida, às parcerias, aos manejos que suplementem a não relação sexual. Como Romildo disse: Freud já havia lançado as pedrinhas, porque, mesmo com

tantas revoluções de costumes, ainda escutamos velhas afirmações como "onde gozo, não amo". E isso tem muito a ver com a difamação que permite acesso ao corpo Outro através de uma fantasia que rebaixa e desvaloriza. É preciso uma análise cuidadosa da *extimidade* para cuidar que uma mulher difamada (*diffame, dit femme*) seja o feminino daquele que a difama, quer dizer, sua pele revirada pelo avesso no objeto *a*. Trata-se de uma defesa bem armada, falicamente ostentada; um sujeito falando dele mesmo ao atribuir à parceira defeitos: pobre, feia, etc..

Romildo do Rêgo Barros: Luiza, eu não entendi muito bem, você disse: os manicômios estão cheios de homens?

Luiza: É! Mais do que de mulheres.

Romildo do R. Barros: Isso é uma estatística. Fico à vontade porque não acredito em estatística.

Ruth Cohen: A loucura do homem tem sempre o empuxo à mulher.

Angela Bernardes: Acho sempre bom lembrar a diferença entre a loucura feminina e a psicose. A loucura feminina é alguma coisa que se inscreve daquele lado onde não existe ninguém que não esteja na ordem fálica, ou seja, o lado feminino e, portanto, não é a psicose. Por outro lado, a loucura feminina exatamente é não ser louca de todo, ser *nãotoda*. Isso que Lacan fala como o único universal das mulheres é querer essa loucura. Eu não sei se é só das mulheres.

Verbena Dias: Acho que isso não é exclusivo das mulheres, são possibilidades que se tem na ordem fálica.

Malvine Zalcborg: Complementando o que a Ana Lúcia disse sobre o ato da verdadeira mulher, parece que o principal objetivo é furar o Outro, fazer um furo - Miller mesmo disse isso - que nunca mais vai se fechar em Jasão. Então, já que estamos falando de diferença, como fica a diferença nesta mulher cujo objetivo é furar esse homem?

Romildo do R. Barros: Se eu me lembro bem, trata-se de furar os semblantes do homem. Acho que Lacan não comenta isso, mas Miller em "Mulheres e semblantes" e também nesse texto de 93, "Medeia meio-dizer", associa o verdadeiro com a verdade como ficção. Acho que foi a isso que Ana fez alusão, quando disse que Antígona e Medeia não estão no mesmo nível: Medeia é a verdadeira mulher e Antígona não é a verdadeira mulher. Antígona é alguém que rompeu com a ficção. Então, ao romper com a ficção, ela rompe também com a verdade. Ela se torna esse ser que está entre duas mortes - uma expressão fortíssima de Lacan -, que ultrapassou a ficção na direção da morte. Ela já está morta, justamente porque nela os atributos fálicos já não podem mais ser encontrados. É alguém que é individualidade pura, eu gosto muito dessa expressão do *Seminário 7*. Individualidade pura é aquela que, por não ter mais nenhuma relação com o Outro, está além da negociação fálica, da negociação dos objetos de troca, digamos assim.

Angela Batista: No mortífero do desejo, na pulsão de morte? Ela encarna a pulsão de morte?

Romildo do Rêgo Barros: Sim, ela a encarna. Em sua carne, a pulsão de morte está em funcionamento, a própria morte. É alguém que me faz pensar evidentemente em Primo Levy, na ideia que ele tinha de Auschwitz, quando dizia que todo mundo que foi a Auschwitz morreu. Os sobreviventes têm apenas um prazo com a obrigação moral de testemunhar. Ele

escreveu e depois se matou. Ele dizia que tinha morrido em 44. Quer dizer, ele não acreditava que ser possível articular Auschwitz e sobrevivência, para ele isso era um contrassenso. É alguma coisa que vai um pouco nessa direção de Antígona, que de fato Ana distingue bem, e que pode ser colocada num plano além da verdadeira mulher. Essa passagem de Hegel em "A fenomenologia do espírito" fala um pouco disso, creio que no capítulo sexto.

Heloisa Caldas: Para complementar o que Malvine trouxe, no caso desse paciente que comentei rapidamente, ele queria furar não o homem, mas a família composta de muitas mulheres. Pelo que ele diz, sou levada a pensar que elas tenham funcionado para ele como todas fálicas e isso é justamente o que há para furar. Isso me faz pensar que não é toda mulher que tem a experiência do Outro gozo e muitos homens podem ter essa experiência. De fato, a anatomia não convém como referência. Ao escutarmos expressões como "a fantasia masculina" ou "a fantasia feminina" fica essa questão: se a fantasia está do lado do sujeito, então é masculina? Há nessas expressões um mal-entendido que atravessa a teorização. Seria mais apropriado dizer que é feminino ocupar o lugar de objeto na fantasia, fazer semblante de objeto.

Outro aspecto dessa questão é: por que pensamos que uma mulher tem necessariamente algo do feminino, com o matiz, inclusive, de que esse feminino é muito charmoso. Pode até ser, mas isso fica do lado da mascarada que é o lado fálico dos adereços e véus. Todo esse jogo imaginário me lembra da dança dos peixes, em uma propaganda sobre baleias na televisão. Vocês já viram a propaganda do *Greenpeace* em prol da proteção às baleias no acasalamento? Começa dizendo algo assim: "Não atrapalhe o amor das baleias porque ele é perfeito". Em seguida, aparecem duas baleias lindas, fazendo o som das baleias, musicalmente

muito estético. Bastaria filmar as baleias e seu canto. Mas os humanos, os *falasseres* que criam essa propaganda, não se conformam apenas com a fotografia e a música. Eles acrescentam frases às baleias, personificando-as: "Nossa como a sua barbatana é grande!", diz uma. "Isso não é uma barbatana, meu bem", responde a outra. Acho isso divertidíssimo. O lado fálico pode ser bem divertido. O problema está do lado do Outro gozo. Medeia foi salva por seu dramaturgo. Ele a salvou com uma saída triunfal, mas foi um horror o que ela passou, o que a levou a passar ao ato. Por isso o Outro gozo é uma loucura e se confunde com o surto psicótico. Ele se confunde porque tem alguma coisa nele que, às vezes, até pode ser deslumbramento, *ravissement*, porém aparece mais frequentemente, na clínica, na vertente dura da devastação, *ravage*. Isso não é um feminino charmoso, como o que vai para o baile.

Romildo do Rêgo Barrros: Uma amiga minha, Clara de Góes, escreveu "Medeia - depois da tragédia", uma peça muito interessante que está no teatro da Justiça Federal. Ela me chamou para discutir essa peça. É muito interessante porque na peça de Clara, Medeia esqueceu o que fez, ela não se lembra. No comentário, tive a ideia de dizer justamente que existe na peça, não na tragédia, uma ressubjetivação de Medeia no sentido de que seu ato passa pelo recalque, ela esquece. Existe então uma transformação. Na verdade, Medeia é um personagem único, ela sabia tudo o tempo todo, não é como Édipo que não sabia que Laio era seu pai. Ela sabia tudo e comentava tudo o que ia fazer, inclusive matar seus filhos.

Mas como já é meio tarde, eu queria chamar a atenção para a diferença que Lacan comenta em "A instância da letra".¹⁶ Parece-me que há nela alguma coisa que podemos usar em relação à questão de Cristina, pegando um pouco o que Heloisa estava dizendo sobre a classificação e os

atributos ligados à classificação. Podemos pensar numa divisão mesmo classificatória, de separação, mas sem atributos. H e M não dizem o que é um homem, nem o que é uma mulher. Talvez na crise, certamente permanente, que o Outro sofre, haverá na cultura muitos setores em que - eu não acredito no fim das diferenças - existe, no entanto, uma diminuição extraordinária da necessidade de atributos relativos a cada diferença, a cada classificação. Acho que o desenho da "Instância da letra", das crianças que lêem as placas de lados opostos do trem, é bem eloquente: você vai para o H, mas você não vai definir o que é um homem.

Maria do Rosário C. do Rêgo Barros: Em seu ato, Medeia não fura apenas o Outro. Ela não é a verdadeira histórica, se podemos dizer assim, mas a verdadeira mulher porque ela fura a si própria. Esse filho que ela mata, não é só o filho. Ela destrói o homem e com isso a si própria. Com seu ato, ela indica a dimensão suplementar desse filho. Jasão foi embora, mas a deixou com os filhos. Ela diz: "não é só disso que eu gozo, não gozo só dos filhos como falo". Há outra coisa. A força da vida foi embora. Há então a dimensão do furo nela. Porque essa estratégia de furar o homem é uma estratégia histórica, por excelência.

Romildo do Rêgo Barros: Nesse caso, bem além de furar, ela deixa de ser mãe, esse é o comentário que Miller faz. Na verdade, para ser verdadeira mulher, é preciso destruir aquilo que fazia dela uma mãe. Nesse sentido, Rosário tem razão. Ao destruir Jasão, ela se destrói como mãe. Afirma-se como mulher e se destrói como mãe. Ela faz esta separação que para Freud é absurda, a separação entre mulher e mãe.

Ana Lúcia Lutterbach: Acho a questão que Rosário levantou, apesar de não termos tempo de discuti-la hoje, muito importante, porque inclusive é a mãe com o filho, ela não está só na função fálica. O filho não é só o falo. Ela também está na posição de objeto desse filho. Precisamos retomar essa questão em algum momento.

Transcrição da gravação: Ana Martha Wilson Maia

¹ Primeira de três conferências sobre o feminino na EBP-RJ. Atividade preparatória para as XXI Jornadas Clínicas da EBP-Rio: "Horizontes do feminino na psicanálise: excessos e sutilezas" em 27/08/21. Debatedora: Heloisa Caldas.

² MILLER, J.-A. (2012[1992]). "Mulheres e Semblantes". In: *O feminino que acontece no corpo: a prática da psicanálise nos confins do simbólico*. Belo Horizonte: Scriptum, p. 66.

³ ARISTÓTELES. (1963[1887]). *De la generation des animaux*. Paris: Librairie Hachette et cie, 716a20.

⁴ Idem. Ibid, pp. 101-103.

⁵ LACAN, J. (1985[1972-1973]). *O seminário, livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, p. 111.

⁶ Idem. (2003[1973]). "O aturdito". In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, p. 467.

⁷ Idem. (1998[1960]). "Diretrizes para um congresso sobre a sexualidade feminina". In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, p. 741.

⁸ MILLER, J.-A. (2012[1992]). Op. cit., p. 50.

⁹ Idem. (1993). "Médée à mi-dire". In: *Lettre Mensuelle, revue des ACF* (122). Paris: Ecole de la Cause Freudienne.

¹⁰ LACAN, J. (1985[1972-1973]). Op. cit., p. 99.

¹¹ BERNARDES, A. (2012). "A carta fechada". In: *Opção Lacaniana online nova série*, nº 9.

¹² MILLER, J.-A. (2005[1996-1997]). *El Otro que no existe y sus comités de ética*. Buenos Aires: Paidós.

¹³ FREUD, S. (1996[1937]). "Análise terminável e interminável". In: *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. XXIII. Rio de Janeiro: Imago Editora.

¹⁴ LACAN, J. (1985[1972-1973]). Op. cit.

¹⁵ FREUD, S. (1996[1923]). "A organização genital infantil (uma interpolação na teoria da sexualidade)". In: *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. XIX. Op. cit.

¹⁶ LACAN, J. (1998[1957]). "A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud". In: *Escritos*. Op. cit.